

P952



RUA NOVA

Fev.
45

1926

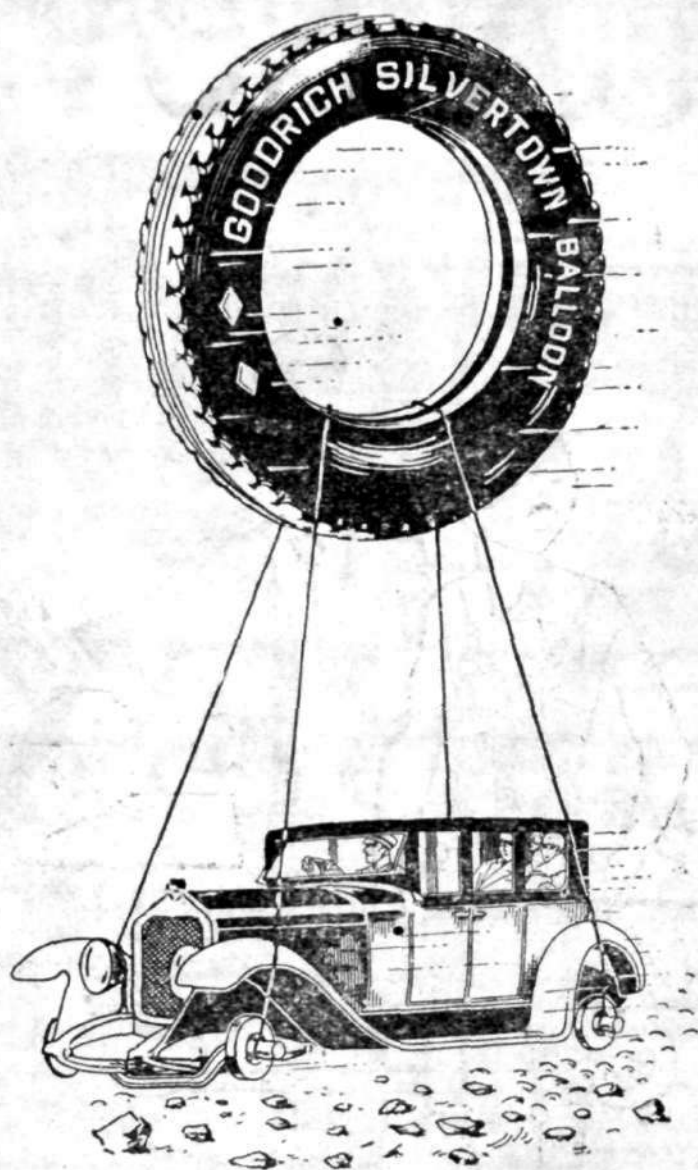


A' espera do...photographo.

(Desenho de Belmonte)

Numero 45

Preço 500 rs.



*Vossa sensação
sobre o pneu*

"Balão Goodrich Silvertown"

Planar... qualquer que seja a estrada.

COMPANHIA COMMERCIAL E MARITIMA
SÃO PAULO SANTOS RIO PORTO ALEGRE PERNAMBUCO

Agencia em Recife - R. Bom Jesus, 240

Perfis Internacionais

Uma gloria da poesia Americana

Ruben Dario, cujo decimo aniversario do seu fallecimento passou a seis do corrente, foi um alto e brilhante espirito, que exerceu na poesia castelhana a poderosa influencia de um renovador. O seu nome, venerado e querido, tem, por isso, um logar de honroso destaque na literatura americana.

Morreu o poeta, mas o fulgor da sua gloria ficou illuminando e gulando, com os seus maravilhosos reflexos, as gerações que beberam nos versos magnificos do grande pontifice da poesia dessa virtude de arte e encantamento tão excelsamente difundida na sua obra immortal. E é por isso que sempre se evoca com saudade a figura luminosa do grande pontifice da poesia.

Tambem — segundo escreveu Rodó — "jámais houve poeta americano que, como Dario, antecipasse os caracteres proprios de um ambiente de cultura multiseccular; que, como elle, tivesse o sentido do precioso e do esquisito; que manejasse o ouro dos rythmos com tão subtil primor de artifice; que concebesse, e desenhasse, e colorisse a imagem com tal delicadeza, e tal entendimento do matiz".

"Seu nome — acrescenta o grande mestre americano que escreveu "Ariel" e "El mirador de Próspero" — seu nome, que, em vida do poeta, já tinha certa vibração de nome ideal e legendario, resoa no tempo com o poder evocador de um symbolo de renovação e de poesia, como o do Apollo Hyperbóreo, que o mytho classico representa sobre aereo carro de cysnes, difundindo nova belleza e nova vida no seio da Natureza arrancada ao lethargo do Inverno".

Ruben Dario nasceu no dia 18

de janeiro do anno de 1867. Natural de uma pequena aldeia de Nicaragua — Metapa, antiga, e chamada Chocoyos, no departamento de Nova Segovia — ali o poeta viveu apenas os primeiros annos de sua existencia que foram de desasoscego e de cuidados para sua mãe, boa e soffredora senhora, cujo matrimonio só lhe trouxe decepções e amarguras. Chamava-se Rosa Sarmiento a mãe do poeta e, se casou, por imposição da familia, com um sr. Manoel Dario, de quem se separou após alguns mezes de uma união desharmoniosa, pontilhada de incidentes desagradaveis. Já em estado interessante, dona Rosa se transferiu da casa de uma sua cunhada, onde residia, para a de sua mãe, adoptiva, dona Bernarda, em Matagalpa. Ali, entretanto, não poudo ficar, devido ao seu melindroso estado de saúde, e foi enviada a Metapa, onde nasceu Ruben Dario, em 1867, na casa de dona Josepha Sarmiento. Depois de alguns dias, o recém-nascido foi mandado para a casa da mãe adoptiva de sua mãe, a boa velhinha que o criou e educou. Ali cresceu o poeta, que teve em dona Bernarda uma verdadeira mãe, carinhosa e sollicita na sua educação. Mandou-o frequentar a escola e o proveu do necessario a um estudante, de accordo com as possibilidades dos seus recursos. Mas, dona Bernarda era pobre, e não lhe foi possível, assim, quando Dario havia terminado o curso primario, mandal-o continuar os seus estudos num estabelecimento de ensino secundario. E, como não queria deixal-o sem um meio de vida, collocou-o como aprendiz de alfajate na casa de um seu conhecido, um tal don Lino Medarño. Dario, porém, nascera

com um irresistivel instincto de grandeza, e não passou muito tempo na alfataria para onde entrara com visivel repugnancia e só com o intuito de satisfazer a dona Bernarda.

E, com grande sacrificio de sua protectora, que foi ajudada por um parente de Ruben, Dario foi proseguir os seus estudos e seguir a carreira indicada pela sua extraordinaria vocação poetica.

Foi em Paris, para onde seguiu ainda muito moço, que Dario formou o seu espirito, frequentando os principaes circulos literarios daquelle centro de intelligencia e cultura. Na capital franceza, Dario se fez desde logo bastante conhecido e estimado, pela sua fidalguia de trato e pelo seu talento. Entre os amigos que então soube conquistar, figuravam Mallarmé e Verlaine, que eram seus companheiros inseparaveis nas amaveis e doces bohémias parisienses. Mas, o illustre filho de Nicaragua era um espirito inquieto, que não podia ficar muito tempo num logar, e, em breve, depois de alguns annos de existencia em Paris, estava de volta á America, seguindo para o Chile, onde passou quatro annos. Durante a sua estadia na terra de Gabriela Mistral, elle exerceu brilhantemente o jornalismo, escrevendo para quasi todos os periodicos chilenos. Quando, alguns annos depois, regressou ao paiz natal, foi distinguido pelo seu governo com a nomeação de ministro de Nicaragua em Madrid. Da Hespanha o nome da sua celebridade se transcendeu glorioso e altissimo, pelos palcos onde os homens sabiam distinguir e acatar a aristocracia do pensamento. E Ruben Dario tornou-se um vulto de prestigio universal, exercendo, com o poder miraculoso da

sua arte inovadora, uma influencia decisiva sobre a poesia contemporânea, que enriqueceu de novas formas, dando-lhe nova e segura orientação.

O Brasil teve a honra de conhecer pessoalmente o poeta, que nos visitou por ocasião do ultimo Congresso Pan Americano realizado no Rio de Janeiro.

Aqui foi elle brillantemente homenageado pela Academia Brasileira de Letras.

Ruben Dario, que publicou o seu livro de estreia (Primeiras notas) em 1885; "Abrojos" em 1887; "Azul" em 1889; "Rimas" no mesmo anno; "Prozas profanas", em 1893; e posteriormente, além de outros,

"Cantos de vida y esperanza" e "Poema del Otoño", falleceu em León (Nicaragua), a seis de fevereiro de 1916, deixando, com um nome consagrado uma obra rigorosamente pessoal, que ha de levar pelos seculos em fóra o harmonioso e esplendido lauzel da sua gloria fulgurante.

Martins Capistrano

O BEIJO DA MORTA

ALMAS do outro mundo, eis o assumpto da animada palestra. A maioria dos circumstantes era inclinada, graças talvez ao fundo supersticioso do nosso povo, a acreditar piamente nos assombrosos phenomenos relatados.

O Claudio Pereira, como bom catholico, animou-se a discordar sem contudo negar os factos que, a seu vêr, não passavam de perigosas artimanhas do demonio.

O materialista José Felix, para não desmentir o seu apregoado atheismo de que tirava tanto orgulho, foi além porque: "não podia acreditar em abusões nascidas das ingenuas crendices dos antigos e que só tem servido para povoar os hospícios".

Os crentes rebatiam esses argumentos contando novos casos *inauditos* cuja *authenticidade* proclamavam convictos, citando testemunhos idoneos.

O Calimerio, depois que todos haviam esgotado seus repertorios, resolveu cortar o nó gordio.

—Meninos, eu vi começou elle galatamente para, logo em seguida, proseguir austero:

—Eu tambem era um empedernido atheu como o Felix, mas, hoje, posso garantir com a maxima segurança que a morte não é o fim da vida. As almas do outro mundo existem effectivamente, vivem e soffrem como nós, corporificam-se, intervêm na existencia e podem fazer-nos muito mal ou muito

bem. Em nada disso eu acreditava apesar de ser medium.

—Oh é de mais! nós estamos tratado de assumpto serio e você pilheria! Exclamou indignado um dos crentes mais fervorosos.

—Perdão! atalhou Calimerio com calma não estou brincando. Asseguro-lhes que fui medium justamente por não acreditar no espiritismo e deixei de o ser quando verifiquei o meu engano.

—E' paradoxal o homem.

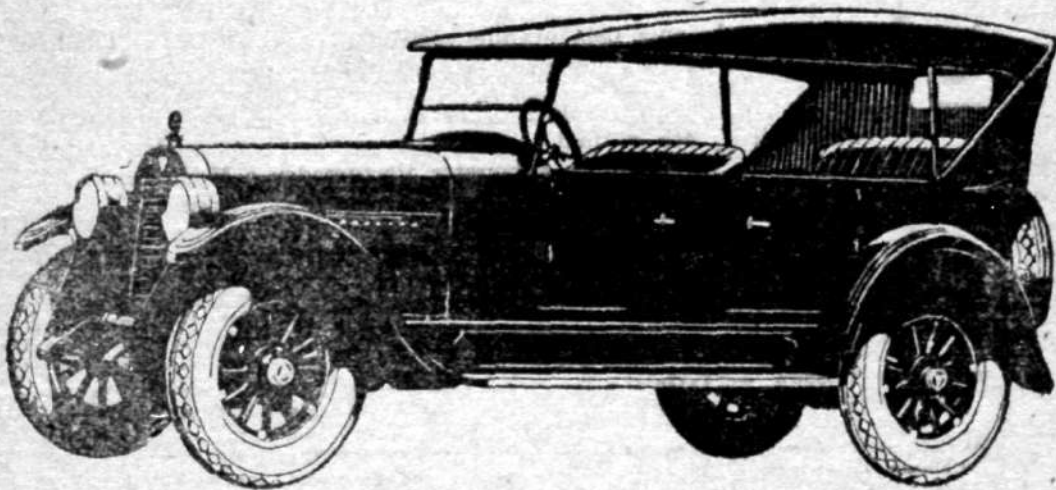
—Ouçam-me com paciencia. Esses estudos nunca me tinham preocupado a mente porque não concebia que tamanhos absurdos pudessem ter existencia real. Eu estava convencido de que a morte era o fim absoluto do homem e que as communicações com as almas não passavam de fraudes para, com maior ou menor habilidade, ilaquear a boa fé dos papalvos. Atravessava eu talvez a crise mais aguda de minha vida, tendo sido expulso de casa e interrompido os estudos de rduk terrompido os estudos sem que houvesse motivos justos, justificativos desses rigores, e, então, pensei que se Deus existisse taes injustiças não seriam possiveis. Já havia em vão procurado todos os meios de vida compativeis com as minhas poucas habilitações quando, completamente desanimado, recebi o grande convite de um antigo companheiro de collegio compadecido de minha miseria. Ante a ameça premente da fome eu estava disposto a aceitar qualquer proposta sem a minima hesitação.

Eu queria viver, mas a fome de qualquer maneira nem que fosse necessario transformar-me em saltador. Apesar de tudo isso tive um instante de medrosa hesitação. Parecia-me muito mais *atoyavel* roubar á valentona do que ludibriar o proximo zombando de sua facil credulidade em assumptos tão melindrosos. Mas a voz imperiosa do estomago não resiste muito tempo aos mais fortes escrupulos. Com poucas palavras o meu prestimoso salvador transpoz todos os obstaculos.

—E' facilima a tarefa, dizia-me elle, e nada arriscada porque aquella gente é de uma boa fé sem limites e acredita piamente nos maiores absurdos. E accrescentava tentador:

—De amanhã em diante não terás mais fome porque farás parte da "Capelle Spirita", do Bexiga. Se não fosses tão timido e sem expediente poderias simular o vidente e, então, ganharias muito mais. O de lá é um espertalhão de marca. Vive á tripa fora e vê tanto como eu ou tu. Um grandissimo intrujão. Mas tuas serás como eu, bastando fechar os olhos, fungar ruidosamente, estremecer da cabeça aos pés, dizer qualquer disparate e acabar accellando os tolos conselhos do director da funcção. Aos espiritos é dado profetir disparates, inventar mentiras, revelar futlidades. Estou lá há um anno e não me arrependo porque tenho bom ordenado, sou tratado com carinho e a minha companhia e amizade são dis-

AUTOS



ESSEX

Para as solemnidades sociais—Preferir o ESSEX—porque é luxuoso

Para os longos percursos—Preferir o ESSEX—porque é confortável

Para as viagens de emergência—Preferir o ESSEX—porque é rápido

Para as viagens furtivas—Preferir o ESSEX—porque é silencioso

Para os passeios nas avenidas—Preferir o ESSEX porque é elegante

Para todos os fins—Preferir o ESSEX—porque é económico

Agencia Hudson

175-Av. Marquez de Olinda-175

Automoveis e accessorios

Saboaria Parahybana

Seixas Irmãos & Cia.

— Parahyba do Norte —

A mais importante do paiz pela grande variedade e excellente qualidade de seus sabonetes e tambem pela sua enorme produção

Os seus sabonetes são incontestavelmente os melhores, porque conservam authenticos, até o final, os perfumes nelles empregados

E' a que produz maior variedade de sabonetes Perfumados e Mediciaes

Recommendamos ás exmas. familias as seguintes marcas de sabonetes perfumados:

FELIPE'A — O idéal para as pessoas de fino gosto. Sabonete de luxo, typo francez, aroma sem rival.

EPITACIO PESSOA — Perfume agradabilissimo.

BILLA — Perfume de Agua de Colonia, sabonete oval a de preço razoavel.

GENTLEMAN — Sabonete finissimo, de grande reputação.

SANDALÓ — Sabonete grande, redondo, perfume Lavander, concentrado e muito aromático.

ANGELITA — Perfume rosa, extra-fino, fabrico esmerado.

ORCHIDE'A — Delicioso sabonete, perfume Rainha das Flores.

SEIXAS — Perfume Flór do Brasil é um sabonete que se impoz pela sua optima qualidade, comparada ao seu diminuto preço.

SONHO DAS NYMPHAS — Reclame da Fabrica, perfume delicioso e permanente. Custo diminuto.

PRINCESS — E' um optimo sabonete, muito duravel, bem perfumado e a preço excessivamente commode.

ANTAL — E' um sabonete de

baixo preço; esta marca combaterá todas as semelhantes, devido ao seu agradável aroma, muito concentrado, prestando-se não só á mais fina "follette", como tambem para a barba. O seu uso equivale a um seguro reclame.

SABÃO "JASPE", em blocos de 150 grammas, consistente, economico e de superior qualidade.

TEMOS EM DEPOSITO OS SEGUINTE:

SABONETES MEDICINAES

Fabrico esmerado por habil chimico. Maximo escrupulo nas dosagens dos medicamentos. Preços excessivamente commodos.

Alcatrão.....	10**
Alcatrão e enxofre.....	10**
Alcatrão e ichtyol.....	5**
Enxofre.....	10**
Ichtyol.....	1**
Sublimado.....	1**
Sublimado e ichtyol.....	1**
Araroba.....	1**
Araroba e ichtyol.....	1**
Sublimado e resorcina.....	1**
Phenicado.....	2**
Lysol.....	4**
Boricado.....	5**
Sulphuroso.....	5**
Sulphuroso e phenicado.....	6**
Creolina.....	5**

RECOMMENDAMOS:

SABÃO "PROTECTOR", higienico, carbolico, optimo desinfetante, não prejudica a pelle.

CHAPÉOS

*Os mais lindos modelos para
Senhoras e Senhoritas*

A SYMPATHIA

Tem a honra de comunicar ás Exmas. familias
que, dispondo de eximias chapeleiras e de variado sortimento
em artigos para chapéos, acha-se habilitada a satisfazer
ao mais apurado gosto.

Acceitam-se encommendas

Sempre exposição de chapéos por preços sem confronto
Formas de todos os typos em palha de TAGAL e GRISET

Antes de V. Excia. effectuar sua encom
menda consulte os preços da

A SYMPATHIA

Rua do Livramento, 80

P H O N E 6 3 4

A Casa "Tic-Tac"

sita á rua Nova, n. 260

GABARDINI FURTA-CORES, INGLEZA LEGITIMA. PARA TERNOS E CAPAS, SOB MEDIDAS.

BENGALLAS ALLEMÃES 200 MODELOS PARA ESCOLHER, A 25\$000 CADA UM.

COLLARINHOS DE GURGURÃO DE SEDA ULTIMA MODA A 8\$000.

PERFUMES DE COTY

Roupas de Casimira, "Palm-beach", smockings, e casacas, por preços sem competencia.

Confecção garantida.

Ribemboim & Irmão

Rua Nova n.º 260

putadas por todos. Divirtio-me com os meus fingimentos e, enquanto isso, consolo os effeitos ingenuos. Se, porventura, houver mesmo um Deus elle ha de levar em conta esse meu gesto de caridade.

Calmerio sorveu um gole de café e continuou:

— Acectei o emprego de **mediun** e não tardei a ser dos mais queridos e acatados. Gozava eu esse delirioso periodo aureo da fama e do bem estar quando meu primo Arthur enviou-me em plena lua de mel. Foi terrivel o golpe recebido. Elle adorava a mulher, pois tempo ainda não houvera de, corrido para odial-a. Estava o infeliz desesperado e disposto a suicidar-se. Ora, eu estimava esse primo como se elle fora meu irmão e assim resolvi salvá-lo, soccorrendo-me dos trucs empregados na "Capella Spiritá". Facilitava-me a tarefa conhecer segredos e detalhes intimos da vida do casal, segredos, talvez, que elle não suppuzesse do meu dominio. Para maior precaução, allias mutil porque as grandes dores abumbram o raciocinio, ficou a-sente que a alma da defunta se manifestaria por intermedio do meu companheiro de collegio cujas relações intimas commigo meu primo ignorava. Ella, a fallecida, se daria a conhecer narrando taes detalhes, dizendo-se feliz no outro mundo, pedindo ao marido que gozasse o resto da vida que lhe sobrava de medo a convence-lo e desviá-lo dos torvos intentos que tinha. Nas horas extremas da dor o consolo é uma taboa de salvação que ninguem despreza. Difficil não for levar Arthur a uma sessão da "Capella Spiritá". Tudo corria como nos dias normaes. O presidente tomou assento á cabeceira da mesa ladeado pelo **mediun**, diminuiu a luz do salão, fez a prece invocadora após ligeira predica evangelizadora e acabou ordenando aos apparelhos que recebessem os espiritos presentes que quizessem communicar-se com os vivos. Os **mediuns** começaram a con-

torcer-se, respirando ruidosamente. Diziam uns que estavam vivos e soffriam mas logo se convenciam facilmente do contrario diante da arenga tola do presidente da sessão. Estes blasphemavam diabolicamente, outros gritavam ou gemiam lamentavelmente. Chegou a minha vez. Fingi um espirito adiantado, contando coisas phantasticas da vida de além tumulo e aconselhando bondade, paciencia, temor a Deus. Fiz sensação e o presidente agradeceu commoção "tão preciosa communicação de espirito tão illuminado". O meu companheiro de collegio iniciou a farsa para impressionar meu primo Arthur. Nesse momento vi perfectamente desenharse no fundo da sala uma estranha e disforme nuvem branca, muito branca e transparente que, pouco a pouco, foi diminuindo de tamanho e tomando consistencia, até se apresentar com uma fôrma humana e viva. Julguei que fosse victima de uma allucinação, mas notei que todos da sala olhavam impressionados para o mesmo lado.

—E' a primeira vez que vejo isto, quer vêr que de facto existem almas? balbucion tremulo e medroso o meu amigo.

A sombra se ia transformando suavemente, gradativamente, até adquirir a fôrma nitida de um ente humano! Era a fallecida esposa de meu primo, em carne e osso! Estavamos todos suspensos, contendo a respiração, atemorizados, olhos esbugalhados, sentindo o coração aos saltos. Aquella figura gentil de moça bonita nos enchia a todos de profundo terror, tal a força impressionante do mysterio inesperado. A fallecida correu a sala acalmando os mais alarmados, mostrando-lhes que estava tão viva como qualquer um de nós. Com um lindo sorriso ironico a ballar nos seus labios tentadores veio ella apertar-me as mãos. Eram as mesmas delicadas e mornas mãosinhas que eu tantas vezes apertára, Arthur, que tanto chorára a sua perda irreparavel, parecia apavorado.

Elle, que não supportava a morte da mulher amada e queria suicidar-se para a encontrar de novo, tremia do medo agora que a tinha de novo ao seu lado!

—Meu querido maridoinho, disse ella carinhosa encaminhando-se para Arthur, eramos tão felizes na terra, amava-nos tanto e, apesar disso, fui obrigada a partir. Adoro-te como sempre porque é impossivel mais do que isso, mas sou clumenta como nupca e tivera sido. Queres vir commigo, meu adorado? Elle, pallido como um cadaver, os olhos allucinados, sem aberta a bocca e o peito offegante, hesitou na resposta! Sim, hesitou! Ella teve um pequeno gesto, não sei se de contrariedade ou decepção, mas, sorridente e apaixonada, murmurou:

—Amo-te, querido. Serás meu só meu?

—Sim, respondeu elle quasi imperceptivelmente.

A fallecida enlaçou Arthur nos seus lindos braços roliços e deu-lhe um demorado beijo na bocca.

Muito pallida começou a afastar-se lentamente, olhando fixamente para Arthur, que rolau por terra sem sentidos, sem que ninguem ousasse prestar-lhe soccorro.

Emquanto isso, a apparição esmaecia vagarosa no fundo da sala, como um dia que morre. As fôrmas tão nitidas, tão humanas, foram se transformando numa nuvem muito branca e muito transparente até se sumirem completamente.

Desse dia em diante não duvidel mais da existencia de almas do outro mundo. Podem crer: eu vi. E desde essa apparição famosa todos os **mediuns** simuladores abandonaram a "Capella Espirita".

—Quantos ficaram?

—A "Capella Spiritá" fechou as portas.

—Oh!

—E teu primo Arthur?

—Nunca mais recobrou o uso da razão. O corpo ainda parece o mesmo, porém a alma...

MELLO NOGUEIRA

Chapéos

de palha

finissimos

Modelos ineditos
nesta praça,
mas existentes na

CASA EXCELSIOR

LIVRAMENTO, 53

P H O N E 2 5 6 8

Quilombo



Anno 2 — — Numero 45



Director-Proprietario — Oswaldo Santiago

CONTOS DO MEU CANTO

— Linda moça, por que não és uma princesa?...

— !...

— E's tão linda como a filha de um rei! Olha esta rosa, como te está mirando... E' tua. Toma-a. Ella tem o morno halito, que, da minha bocca lhe verti. Agita-a largo sopro da minha vida, em busca de outra vida. Beija-a. Ella não murchará, porque os teus labios são terra molhada, donde as flôres brotaram.

Ella inclinou o busto, que era como um jarro, e, nas mãos estranhas, recolheu a rosa, que contava os perfumes que sabia de cór...

Dustan Miranda.



R
E
F
L
E
X
Õ
E
S

ANISIO GALVÃO



*Quantas vezes, talvez, passei por ti, antes de te conhecer,
antes de te conhecer, e assim, nem de leve suppor
que haverias de ser a minha Eleita
aquella que eu esperava ha tanto... ha tanto...*

*Quantas vezes, talvez, passei por ti — menina,
numa tarde de festa, numa rua,
sem, entretanto, presumir sequer
que nas linhas dum vulto fragil
indifferente a mim,
naqueites olhos escuros que são hoje: esses,
num sorriso que enlão se dirigia
para alguma vitrina, uma bandeira, uma rosa,
estavam escriptas tantas paginas do meu futuro,
estava escripta a maior parte
do meu Destino!
Estava escripto todo o meu Destino!*

*Quem sabe lá, no entanto,
si, algum dia, vendo eu um rosto ainda quasi infantil
(annos atrás, sem que ficasse na lembrança)
aquelle rosto não me fitou suavemente
e eu (que sempre gostei de sorrir ás almas puras)
não o contemplei tambem
nessa mutua attracção que não podiamos comprehender
mas, era já todo um presentimento.*

*E si nós nunca nos tivéssemos encontrado?
Nem quando eras menina nem ha um anno e pouco,
quando, de perto, nos conhecemos
na pequena cidade onde fôras a passeio
e onde eu estava a convalescer?*

Impossivel!

*Tinha eu de adoecer
e alguém de suggerir-me
o clima, o encanto, o sol da pequena cidade
onde sdlttei por uma noite de agosto,
E tinhas, certo, de ali chegar
numa clara manhã*

*Immortal no meu pensamento
numa clara manhã cheia de luz!*

*E a hora em que haverias de chegar-me
seria essa
quando já eu julgava
que talvez não encontrasse aquella que eu sonhava
aquella que eras tu!*

*Infinilo sabor
das cousas que alcançamos
depois de as ter sonhado muito tempo!*

Por isso mesmo é que ainda mais te quero.

A' hora do chá...



A "Crystal", quando se enche de mulheres lindas e quando a gente vai ver as lindas mulheres que lá estão...

O MEU NOCTURNO DE SAUDADE...

*Um vago som de musica antiga,
passou por mim
e embriagou-me a alma de artista...
sonhei... uma paisagem oriental:*

*Para os espiritos elevados de
Georgina Medeiros e Mme. Gentio de
Lima*

*um parque japonês
de lenda muito antiga
e uma historia de amor...*

Noite de verão!

*um luar de prata pelo mar surgia...
e enquanto a noite augmentava
o reflexo da lua, tecia
sobre as aguas do mar,
lindas rendas de brilhantes
em conjunctos harmontosos
e deslumbrantes...*

*Esquecido do mundo em resignado sofrimento
a minha alma buscou a tua alma
para a convivencia do pensamento
que a distancia não obstrue.*

Bem dita a saudade de quem sabe soffrer...

ANDRADE LIMA

Recife, janeiro de 1926.

Aspectos do Recife



A PRAÇA DA REPÚBLICA

-R-i-s-o-

Talvez, Senhora, se eu pudesse um dia,
A vossos pés, dizer-vos o que sinto,
A razão do que soffro e a melodia
Que a dor enlão no meu proprio instincto...

Se eu pudesse contar toda a a'legria,
Que a magua traz no calix de absyntho
Do riso atroz que nos meus labios pinto,
Com esse orgulho cruel e essa ufanía

Que não sei explicar... Ah! se eu pudesse
Tudo dizer á vós que, indifferente,
Viveis a rir de mim... Se eu vos dissesse,

Talvez, Senhora, o vosso riso brando,
Fosse a alegria divina e ardente
Dos versos todos que compuz chorando!

ANTO SOUZA

INVERNO

(PARA "RUA NOVA")

A chuva cáí monotoná, cantante,
O regato murmura uma saudade
Fazendo-nos lembrar um bem distante,
Alguns momentos de felicidade.

Entre as folhas, e vento, esfusante
Sibilla, numa lurida ansiedade,
Como a evocar, flebil e soluçante,
Uma canção de sonho ou de saudade.

A Natura no inverno fica triste,
E a vida no folhêdo só consiste
Num dorido rumor de sombra e prece...

E o coração em nós, chora silente,
A saudade de um grande amor ausente,
Duma ventura que se não conhece.

Janeiro — 1926

JENY GALHARDO

Do Elegante Protocolo

ANNIVERSARIOS

Foi muito cumprimentado a 14 do corrente, data do seu natalicio, o distincto cavalheiro sr. José Guilherme Cesario de Meilo, contador do Thezouro do Estado.

Saudamol-o.

Mlle. Lucia Nery da Fonseca, gracioso elemento do nosso escol, anniversariou a 15 deste mez, recebendo felicitações innumerables.

No Rio, onde tem a sua residencia, foi aivo, a 16 do fluente, das mais sinceras manifestações, o grande poeta brasileiro, dr. Ademar Tavares, o luminoso artista da "Noite cheia de Estrelas", por motivo do seu natalicio.

A 17 deste mez fez annos o nosso prezado amigo dr. Adalberto Cavalcanti, um dos luminares da classe medica do Pernambuco e cavalheiro muito relacionado nas altas esferas sociais de Recife.

Ao dr. Adalberto levamos os nossos saudaes.

Na mesma data anniversariou o illustre clinico, dr. Fernando Simões Barbosa, professor da "Escola Normal Official", o que foi motivo de justa alegria.

O sr. Hamilton Pupe, competente chefe dos escriptorios da poderosa firma A. Oliveira & Irmão, desta praça, teve o seu natalicio no dia 18 do mez em andamento.

Foram-lhe feitas diversas demonstrações de apreço, sobresahindo a do "Club Carnavalesco Dragões de Momo", do qual o anniversariante é presidente.

Passou a 21 deste mez a data

genethliaca do nosso distincto amigo, o homem de letras, sr. Augusto Wanderley Filho, esforçado funcionario da Delegacia Fiscal deste Estado.

Lucillo Varejão é o querido e apreciado romancista e intellectual, um dos espiritos mais brilhantes do momento litterario pernambucano.

Tendo transcorrido a 22 o seu natalicio, teve elle oportunidade de receber as provas de quanto é admirado nesta sua terra.

Felicitamol-o.

O operoso parlamentar, deputado Gomes Porto, assistiu a passagem do seu natalicio a 23 do corrente, entre as mais vivas expressões de alegria.

A S. S. enviamos os nossos parabens.

Viu transcorrer ante-hontem o seu anniversario, o illustre professor de direito dr. Odilon Nestor, lente da nossa Faculdade e senhor de vasta consideração social e intellectual em Recife.

Tambem fez annos ante-hontem, o dr. Armando Falcão, esforçado chefe da 2.ª secção do Thezouro do Estado e advogado noz nossos auditorios.

Vu passar hontem mais um anno da sua feliz existencia, o estimado moço, sr. Nestor da Costa Araujo.

Por esse motivo foi muito cumprimentado por seus amigos e parentes.

Amanhã, domingo 28, passa o dia natalicio do nosso prezado confrade e amigo, dr. Galvão Raposo, redactor do "Jornal do

Commercio" e escriptorario da Recebedoria do Estado, exercendo, em commissão, o cargo de secretario da directoria do "Departamento de Saude e Assistencia".

Mandamos um abraço ao Galvão Raposo.

RECEPCÕES

Festejando o regresso de sua filha, Mlle. Mena Baldi, que agora tornou de S. Paulo onde se estivera aperfeccionando na difficil arte do canto, a conhecida professora Julieta Baldi recebeu festivamente os seus intimos na sua residencia, a rua Luiz do Rego, em Santo Amaro, na noite de Sabbado ultimo.

Foi uma reunião encantadora, a que compareceram rapazes e senhorinhas da nossa melhor sociedade, que se entretiveram em animadas dansas prolongadas até alta madrugada.

Aos presentes foram servidas diversas mesas de bolinhos e licores.

Desta revista estiveram presentes a festa de Mme. Baldi o dr. Dusan Miranda, dr. Joaquim Inojosa, Oswaldo Santiago, Stevão de Sá e Gilliat Schetini, que levaram cumprimentos de boas-vindas a Mlle. Mena Baldi.

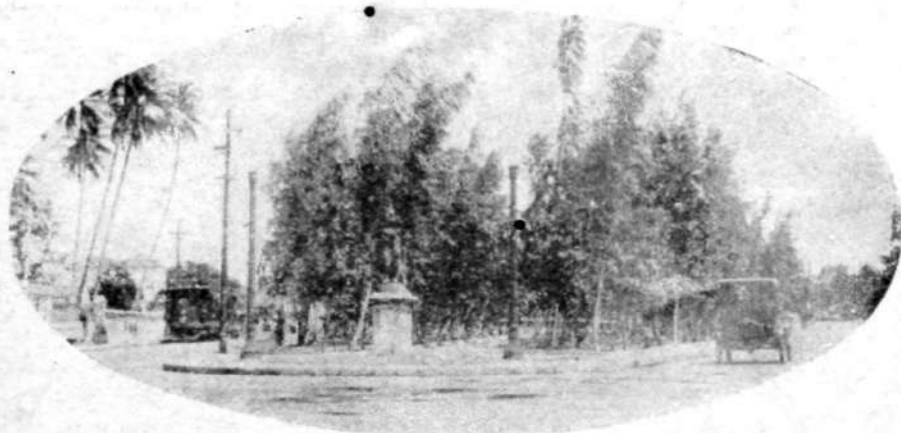
ENFERMOS

Tem estado acamado, nos ultimos dias desta quinzena, o nosso illustre confrade, dr. Francisco Pessoa de Queiroz, director do brilhante orgão o "Jornal do Commercio", desta capital.

S. S., que é uma das figuras mais relevantes da nossa representação na Camara Federal, vem recebendo innumerables visitas.

RUA NOVA

A Cidade que Deus não esqueceu...



PARQUE AMORIM



PARQUE DO ENTRONCAMENTO



PARQUE SERGIO LORETO

CONFISSÃO

Meu amôr. Meu branco amôr.
 Tu és a estrela d'alva
 do firmamento da minha vida.
 Nunca offusques o teu brilho
 opalino de luar;
 pois sem elle o caminho
 todo juncado de flôres em que trilho,
 tornar-se-á de espinhos.
 E assim cheio de tedio e saudade
 um dia hei de tombar.

.....

Meu amôr. Meu branco amôr.
 Nunca me negues a luz do teu divino olhar!...

GILLIATT CHETTINI

Noite de insomnia

A noite vai calma,
 De quando em quando, uma hora passa lenta, da côr do ar;
 passa leve como o luar...

Lá fóra, pela praça abandonada,
 faz-se ouvir uma canção maguada...
 Entoa-a, por certo, algum serenista vagabundo;
 escuta-a, talvez, alguma rapariga apaixonada...

Ao embalo da voz dentro da noite,
 pouco a pouco, adormeço
 e sonho com phantasmagorias e elucinações,
 com almas arripiadas e sujas,
 como um bando nocturno de corujas...
 Desperto. Viva inquietação me vai n'alma...
 atravez da vidraça,
 rejôto na mudez da solitária praça:

-- A noite vai calma,
 vai linda, vai fria, devagar,
 abraçada á alma lyrica e somnolenta do luar...

JOÃO DE DEUS DA MOTTA

Justiça, apenas...

Lá, há dias, no magnífico jornal do Rio de Janeiro "O Globo" a reportagem, o relato do crime praticado por Armindo Cesar dos Reis, n'aquella capital, que, considerando — como foi — a sua dignidade maculada, desfechou um tiro de "Nagant" no seu ex-patrão.

Residindo em Bicas, Minas Geraes, com esposa e cinco filhos, Armindo sentiu-se tentado pelo Rio de Janeiro e, tentado, cheio de esperanças, sonhando muita felicidade, buscou-o. Antes não o fizesse. Um crudelíssimo destino o aguardava, de rasto, traiçoeiramente...

Empregou-se no depósito Denzot, onde, cheio de obrigações e falta de direitos, dava o melhor do seu esforço em prol do engrandecimento da firma: trabalhando, trabalhando muito e recebendo, em troca, mínguos tostões. Mas não desanimava, a espera — illusoria espera — da bonança...

Um dia — esse dia que, as vezes, custa mas sempre chega — o seu patrão, desapiedadamente, sem a nada attender, despediu-o, afirmando-o deshumanamente a incerteza das ruas.

Nesse momento terrível, os olhos do desgraçado brilharam, intensamente brilharam, e as duas lagrimas, vagarosamente, vieram embacial-os.

E um odio vehemente sentiu Armindo da vida...

Passavam-se os dias para elle, que soffria, demoradamente, a custo.

Não encontrava nova collocação e a sua miséria ia crescendo. Pés descalços, maltrapilho, faminto, andava, do amanhacer ao anoitecer, esmolando; na conquista d'um pedaço de pão duro e pequenino.

Difficil conquista!...

Certo dia — fatalissimo dia — foi em busca do seu ex-patrão.

Chegou a porta e, vacillante, parou. Entraria? Recuou...

Sentou-se na calçada e começou a rememorar o seu passado, buscando os lados doces e amargos da sua vida. O seu pensamento alou-se, indo pulsar na bôa esposa, nos queridos filhinhos, lá, longe, distante...

Entregue a mais avára sorte, vencido, humilhado, infinitivamente humilhado, ali estava elle no intuito de pedir uma esmola ao homem que talvez tivesse sido a causa do seu infortunio. Precisava voltar a Bicas, ao seu lar.

Resolveu-se a entrar. Não havia sido dispensado por desonestidade. Havia trabalhado, havia sido pago e se foi pago é porque trabalhou.

Entrou, chorando, o velho chapéo á mão, tossindo, tossindo incessantemente. Defrontou-se como o seu ex-patrão. E pediu, de joelhos e pelo amor de Deus, uma esmola, uma passagem para voltar a Minas e morrer junto dos seus — dos quaes havia perdido até a satisfação de beijar: Tuberculoso...

Recendendo a "Coty", perola luzente a gravata, impeccavelmente trajado, o seu ex-patrão disse-lhe que "fosse buscar dinheiro em certo lugar e por intermedio de alguem."

Esse "alguem" foi a causa determinante de toda a sua ira, de todo o seu desespero.

Affronta extrema...

Sentiu a lama lançada a esse "alguem" idotrado salpicar-lhe o rosto, em cheio. Correu a um movei que já o conhecia de outras eras. Paizou. Racciocinou, racciocinou muito e em pouco tempo. Abriu a gaveta e de lá retirou uma estola "Nagant". Apontou a arma. Accionou, rapido o gatilho. Um estampido e o rumor abafado de um corpo que tomba. Pelo chão, vermelho, fortemente vermelho, um longo filete de sangue...

Expiação o crime cometido, pagando o doloroso tributo do seu gesto ousado, pelo motivo de ter mostrado — digna e eloquentemente á insensatez de quem tem dinheiro que muito acima de dinheiro está collocado o brio, encontra-se Armindo Cesar dos Reis recolhido a estreita cela d'uma penitenciaría. Será, mais tarde, entregue a um tribunal que decidirá do seu resto de dias — trapos de existencia.

Que lhe não seja concedido o menor obsequio. JUSTIÇA, apenas...

Antigamente, Themis era VENDADA; hoje, é VENDIDA. Mudança de letra a quinta. E, talvez, por isso, simplesmente por isso, seja Armindo condemnado a trinta annos de prisão...

DA "VELASCO" QUE PASSOU...



A jovem e linda bailarina dos versos do
Dustan Miranda:

"E mesmo quando o seu ba-lado finda
ella fica ballando em meu olhar!"

E' a senhorita Pilar Sant'Ibanez e aqui es-
teve com a "Velasco".



Miss
Shim-
my,
A
baila-
rina
dos
contras-
tes

Miss Shimmy é o pasmo alegre da Cidade.
Electriza e faz rir: domina, e accende olmos
nos olhos cidadãos das mulheres...

Loiro e fragil escandalo-mulher!

Miss Shimmy é a danarina da Lubricidade e do Mysterio:
Anna Pavlowa da Excentricidade.

De onde vem? Aonde vai? Não diz. Responde
com seu ballado de interrogações
adormecidas sobre reticencias...

Altinha e inquietá, toda riso,
toda feitiço, toda nervos,
tem no andar exquisita, incrivel musica
allucinante,
que traz em vibrações de desvairado offér
a alma sensual, curiosa e ironica da Rua.

Não anda: balla...

Ballá em seu **dancing** — que é a Rua.

Miss Shimmy é a illustração genial do **Jazz-Band**.

Seu corpo é uma Symphonia barbara estylizada
para a exacerbção de pratos, de tymbales,
de flautas, de tambores, de oboés.
Seus olhos são dois guisos de Alegria:
seus seios — dois clarins clarinando ao Peccado:
suas mãos — dois pandeiros delirantes,
de guisos d'oiro e perola — os anéis...

Miss Shimmy é a ballarina dos Contrastes:

Vezez está parada, olhos em extasis:
dir-se-la então illuminada de Candura.
Porém, quando se põe a andar, as suas ancas
redondas, bamboleantes, provocantes
— gloria e febre pagã da Ilha Curva—
ficam dansando o **shimmy** da Volupia,
e a Rua vibra em fremitos atrozes
e accende erispações vermêl pelos nervos.

E no seu passo original de **fox-trot**,
do sorriso melhor estalando as castanholas,
facil e semi-nua
olhar em febre, seios a tremer
— maripôsa social Seculo XX —
lá se vai Miss Shimmy a dansar, a ballar
o seu ballado de vampiro,
fazendo a perdição dos homens todos
e o despeito de todas as mulheres!

E' que Miss Shimmy — a bailarina dos Enygmas
é a Salmé dos sete véus: mata ballando;
dansa, sorrindo, para todos nós...

E, enquanto baila a dança exul de seus fascínios
pede a sorrir, esplendida e fatal,
a cabeça de todos os Baptistas.

Qual de nós não desejára a gloria triste
de ser, um dia ao menos, Yokanaan?...

Dahi a queixa e o odio das mulheres
por Miss Shimmy...

Miss Shimmy é o pasmo alegre da Cidade...

— Isto escrevi depois de olhar seu dádívoso corpo
com os olhos cheios de seus olhos — cheios
de enfanguescencias e de pesadêlos...

Fevereiro, 1926.

Austro Costa.



“Gritos do meu Silencio”

“A União”, o brilhante órgão da imprensa parahybana, inseriu domingo último, um extenso e bem elaborado artigo do finíssimo poeta Silvino Olavo, que com tanto successo publicou, no Rio, há pouco tempo, o seu livro: “Cysnes” e que se achava actualmente naquella Cidade.

Esse trabalho do talentoso artista do verso refere-se ao novo livro de poesias do nosso director, Oswaldo Santiago, a cuja estréa com o “No Reino Azul das Estrellas” se reportou, dizendo que daquelle para o “Gritos do meu Silencio” há um esforço aerobático admirável: um verdadeiro salto mortal.

Silvino Olavo transcreve quatro produções do livro a que allude na sua critica e affirma, n’um trecho do seu trabalho, que: “A poesia de Oswaldo Santiago (sim, porque a poesia de Oswaldo Santiago é propria e nova) eleva-nos o espirito a um mundo de delicioso mysticismo. Despoliarisa a nossa emoção do fôco das realidades asperas da vida, alijando-a para um mundo de symbolos, de creações suaves, de milagrosas revelações estheticas”.

E depois de varias considerações que attestam a sua capacidade observadora, a sua cultura e o seu talento termina por dizer que o soneto “Mauricéa”, incluso no “Gritos do meu Silencio”, é a mais bella homenagem que, em versos, já se fez á heroica cidade das pontes sobre o Capibaribe, e que depois de “Mulheres e Rosas”, de Austro Costa, não houve outro livro que fizesse tão brilhante apparecimento em Recife.

Como se vê, Silvino Olavo mostrou-se um tão sincero entusiasta da arte de Oswaldo Santiago, que este, em agradecimento, manda-lhe o coração n’um abraço commovido e forte.

Tambem o “Correio da Manhã”, outro órgão de real acceitação na vizinha capital nordestina, insere, em artigo de fundo, uma brilhante chronica do jovem e talentoso intellectuel Severino Alves Ayres, sobre o “Gritos do meu Silencio”.

Transcrevemos adiante alguns pequenos trechos da mesma, apanhados aqui e acolá, como quem, n’um jardim, se dedicasse a colher as flores mais perfumadas:

—“Em todos os versos de Oswaldo Santiago há uma seducção intensissima e arrebatadora, uma elevação admirável” —

—“Nos nossos dias, são escassos aêdos assim, de alma tão emocional e de temperamento poético tão adorável.” —

—“O seu estro é rico de tonalidades surprehenderes; é um rythmo novo e eloquente” —

—“um evangelho de estrophes preciosas” —

—“encontram em Oswaldo Santiago a affirmação mais positiva e genuína de um poeta.” —

—“Missionario fervoroso da Arte e da Belleza, que se nos afigura ter uma cigarra encanada a cantar no coração.” —

São assim, carinhosas e vivas, as expressões de Alves Ayres para com o auctor e para com o livro já por vezes mencionado.

Isto quer dizer que a elle, tambem, Oswaldo Santiago deve agradecer com o beijo espiritual do seu reconhecimento.

Todos os jornaes importantes desta capital se manifestaram, por varias vezes, com os mais honrosos elogios ao “Gritos do meu Silencio”.

O nosso director, Oswaldo Santiago, tem recebido innumeræ cartas e cartões de felicitações, as quaes agradece penhorado.



*De monoculo e polainas,
costelleta á meia-lua,
cis-me na melhor das fainas
vêr, ouvir, sorrir á Rua.*

*Boutos, "flirts", "pôses", "fitas"...
Que cinema é a Rua Nova!
Mij Violas Dana! Mij Nifas!
Plagiarias a toda prova!*

*Mil Rodolfos Valentino!
Ramons Navarro ás centenas!
Hontem: — "lisos" sem destino...
Hoje: — "galãs" das "pequenas"...*

*"Almofadas", "bons rapazes",
vivem de figuração.
Uns "vôam" alto, são "azes":
guiam bem qualquer "avião"...*

*Outros, tímidos, modestos,
imitando as andorinhas,
"vôam" mais baixo, mas lesto,
p'ra cima das caixeirinhas...*

*Caixeirinhas, costureiras,
das que o vulgo chama "bôas"
passam sorrindo, brejeiras:
ilão ouvido a quaesquer "lôas"...*

*Cabeças de vento, ilógicas,
dão-se ao mal, mas não o entendem...
.....
(Que camisas mythológicas
por essas lojas se vendem)!*

*Civiliza-se a Cidade.
Progride, avança a olha nu'.
"Progresso"... "Civilidade"....
Escôias de "rendez-vous".*

*Quem não fór muito beocio
veró, olhando as vitrinas,
como lucram no "negocio"
certas lojas de meninas. . .*

*Lojas... Ricos armarinhos...
Casas de "chic", afamadas,
onde se dão apertinhos
caixeirinhas e "almofadas"...*



De

*Depois que a bôa "experiencia"
as caixeirinhas sagrou,
nunca masi houve saltencia!
nunca mais-ninguem "quebrou"!*

*Velhos, austêros lojistas
já não são como eram d'autes...
— Certas casas de modistas
são "rendez-vous" elegantes.*

*Mme. Tal — Excelente!
Sabe a Moda dos dois mundos.
(E "ellas" entram pela frente,
e "eiles" entram pelos fundos)...*

*Um "atelier" hoje é "canjã".
Não ha "cavação" melhor!
Mme. Tudo-Se-Arranja
já tem casa propria e um "Ford"...*

*É o "commercio" vai "rendendo".
Rende... E o "cambio" vai "subindo"...
Os "coronéis" vão "morrendo"
e as "comidas" vão "sahindo"...*

*E o Progresso. Da "alla roda"
a esphera do povilêu,
tudo vai "na onda". E a Moda...
Todos lhe tiram o chapêu.*

*E a "Lei". E a "Legalidade"...
E eu, soldado governista,
não conheço na Cidade
quem não seja legalista.*

João - da -



Monoculo...

Revolução pelo Norte?
Revolto no Recife?
Coitados! Que pouca sorte!
Que "macaca"! Não pra... "Riff".

Aqui revoltoso "broma":
Chega... a fumaça o levou...
Quanto ao que há é beijo, é "gomma".
O resto é "como passou".

Revolução, intentona
de loucos, não nos faz mal.
Revolta aqui pela zona
só mesmo no... Carnaval.

Revolta em que a raça brilha
no furor com que arremette.
Assalto à "Chupetilha"...
com granadas de "confetti"...

A voz do general Vlan,
ou sob as ordens de Rodo,
luctamos com todo osan
não três dias: o ajuo todo!

Rebelde aqui? Qual! Mainco,
quem a tanto se abalar.
Pernambuco é Pernambuco:
só lucta para triumphor!

Revolução?! Que presumes,
meu leitor, queira eu dizer?
Revolução... de costumes...
Esta é que estamos a vêr!...

Revolução... Mario Mello
e o Waldemar (quem me disse!)
em suave, floral duello...
"Réclame" da "Benice"...

Rebelião... E ninguém morre!
E que se ha revolução
e só do "Vida que corre",
livro de Anísio Galvão.

"Vida que corre"... Poesia
em prosa, de um poeta altruísta
que, aos cardos da rebeldia
prefere os loiros de artista.

Livro de artista profundo,
porém claro e emocional,
que desde o arligo, de fundo
tudo faz no seu jornal.

Consciente de seu valor,
de "filas" não se soccorre.
Que chronista! e que escriptor
o autôr do "Vida que corre"!

— Revolução?! — Que "estralada"!
— Motim no becco? Eia! Vence-o!
— Prompto! Já não ha mais nada...
Só ha "Gritos do meu Silencio"...

• Revolução na "Ramiro",
tiroteio na "Nogueira"...
É o Santiago dá um "tiro"
darnado, na "quebradeira"...

Vende o livro e, antes do "frio"
que ha-de em breve aqui "grassar",
"Juz a trouxa" e vai ao Rio...
"Defende-se" e... vai passear...

De monoculo e polainas,
costellêta futurista,
eis-me na melhor das fainas:
Viva quem for legalista!

Rua - Nova.

Contas e contos do meu jogral

Em papel branco, delicadamente recortado por mãos femininas, havia um coração qualquer. Dizia: "o amor é o symbolo da vida". Mas era uma lembrança de carnaval, que alguém me dera. Eu peguei uma penna e lancei esta cousa banal: Pode ser também... Mas já o poeta disse: "as mulheres são o symbolo da vida, lindas e mentirosas, uma cilada esplendida e florida, recamada de rosas". Elle viu, arrebatou-me das mãos; e, correu, foi entregar a namorada. Elle teve uma noite carregada de sonhos...

O rapaz veio do Rio, com os ultimos figurinos e os derradeiros modos de dansar. Teve saudades do carnavalesco desta cidade, quase perdida. Lembranças do frêvo e do passo Teve saudades, e afinal chegou. Antegosava o prazer de cousas delicadas, de sensações virgens, e organizava já para as semanas recifenses, o seu programma de arrazadoras futilidades. Não havia contado era apaixonar-se por ella. Ella é os de dansar, nem os de vestir, nem os de fallar, nem os de sorrir, e até mesmo os de não dizer e ficar quieto. Contava impressionar, ser uma novidade, fazer sensação. Mas o com que não havia contado era apaixonar-se por ella. Ella é qualquer gente de salas, ou quase sem ellas, que salta a um palmo do nosso nariz, na conhecidissima estrada da vida, e tem olhos para dizer fallas que ainda não foram escutadas. Mas a pequena sabe um geito de judiar o zinho. Terça-feira de carnaval, ali mesmo no Jockey, quando, felizmente, não havia diner dansant para aquelle pessoal ficar Calo? Não! Calo..., elle não se poudo conter e estourou:

— Não danço mais com você, que me sinto mal.

Pois a pequena não deixou passar o ensejo de uma ultima maldade:

— Oh! o que é que você têm? De que está doente, heim?...

O elegante, robusto e sympathizado moço, filho do antigo commercante da rua Larga, appareceu, na terça-feira de carnaval, com um formidavel pierrot negro. O Manúca, que lhe conhece as historias, e mesmo o contozinho endemoniado do diner dansant, então bradou:

— E'... companheiro; está optimo. Mas... a pequena não veio.

Você estava vestida com um kimono. Era verde, talvez. Mas você mesma sabe que tem uns olhos, mais bonitos que os olhos de um idolo. E o'ava, como quem está cansado de olhar aquellas cousas banaes. Não digo outras historias, porque você e toda a gente já sabem tudo. Mas o que ninguém sabia era que você... tinha aquelle namorado.

A certa altura, o conhecidissimo doutor e alto homem de negocios exclamou para o dulcuroso

zinho sympathizadissimo: "pega o pirão ismorecido!". As dansas continuaram animadissimas, até ás quatro da manhã...

Não raptou. Mas ficou logo brioso, e envergou a farda militar. O soldadinho esteve esplendido. Promettia supportar os mais duros combates. Mas, cuidado, policia... Hoje n'ninguem sabe mais onde foi Troia. E Helena não ha de ter sido mais bonita.

O distincto moço, agronomo já de algum tempo e us'neiro recentissimo, é o detentor envaidecido de dous grandes premtos, nessas memoraveis corridas, que fazem os rapazes elegantes ás meninas casadoiras. Não sei de que artes, ou por que prestigio, tem sabido elle manter as posições conquistadas. Mas, terça-feira de carnaval, a roda da fortuna engulou-se-lhe num numero fatidico. A sua estrella como que tombou. Um dos lindos e raros motivos do seu despotico entreles deux mon coeur balance, deu-lhe minutos amargos. E, em amor, si a gente tem dois amores, quando se perde um, perde-se o outro. O us'neirozinho desapontou...

Elle é uma figura sympathica e irrequieta de jovem, que bem poderia ser um cow-boy, ou um boxeur. Mas, para, boxeur, tem muito nariz. Não sei si será por isso que anda a dizer, de vez em quando: estou Knokout. Mas, em amor, o nariz é alguma cousa. Parece que, para o amor elle tem nariz. Toma e retoma posições com relativo facilidade. Alcança e desdenha. Segura, e larga a prêsa em seguida. Mas, tempos depois, volta. Alguem, que lhe assistiu a manobra no ultimo dia de carnaval, não se poudo conter:

—Então, companheiro, agora é mesmo para ossar?

O rapazinho sahiu dansando, porem não acertou mais conversar.

Ao lado do poeta Góes Filho que, melancolico, recitava, pela centessima vez, o seu Poema da Distancia ornava os amenos, gestosinhos e quelle saboroso almoçadinha, tão doce e tão inoffensivo que alguém já o appellidou "um torçãozinho de assucar nas mãos dos meninos.

Foi quando, perto do grupo passou aquella linda e "santa" morena, que já o vinha olhando de longe. O zinho cumprimentou-a num assucarado sorriso, e desmanchou toda a sua ineffavel ternura, num jacto fino e longo de lança-perfumé. A pequena, o que tinha era uma rosa na mão. Deu-lhe com ella, no rosto quase feminino. O Fernando Pinto deixou então escapar:

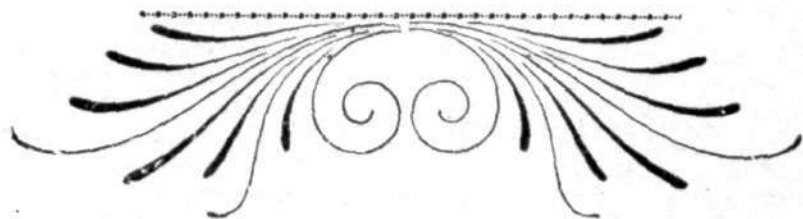
—Oh! Fulaninha, não faça isso. N'elle "não se bate nem com uma flor..."

Da "Velasco" que passou...



Lou, a maravilhosa bailarina que tanto o nosso publico applaudo, quando da estadia da "Companhia Velasco", nesta capital.

Lou é uma das melhores artistas que, no genero, tem vindo ao Brazil.



Para uma chronica futil...

Passou o Carnaval. E a gente ainda tem no ouvido o rumor confuso da palhaçada finda. O Carnaval esteve bom? Sim. Para os que se divertiram, para os que puderam gosar as delicias do "frevo" estrepitoso, entre um sorriso de mulher e um jacto de lança-perfume. Para os outros, decerto, o Carnaval não prestou. Nem o Deus Momo consegue fazer o milagre de agradar a todos. Quanto à animação do brinquedo é que se não se revestiu do fulgor de alguns annos de mais fartura, também não deixou a desejar, principalmente no ultimo dia, quando o Carnaval das Nuvens se irmanou ao Carnaval da terra, ludo molhando e encharcando.

E indaguem ao Austro Costa, ao Erard Jambo, ao Reinaldo França, ao Oswaldo Santiago, ao Antegenes Cordeiro e ao Waldir Portella se o aguaceiro não foi o melhor da folia...

Mena Baldi voltou de São Paulo há dias passados e vai realizar um concerto no dia 10 do mez proximo, no salão do "Diario".

Não é preciso dizer mais: o successo da festa artistica de Mena será um successo de verdade...

O muito de consideração que lhe merece a pessoa da escriptora d. Sylvia Moncorvo, faz com que o encarregado desta secção não desça ao mesmo nível de descortezia aggressiva a que ella baixou para com elle, envolvendo-o, n'uma chronica da "Provincia", de parceria com outros, em referencias um tanto desagradaveis.

E' o regimen do "crê, ou morre", da intolerancia e do desaforo elegante, calçado com as luvas de uns commentarios ferinos sobre o character e a dignidade daquelles que não leram pla cartilha desejada.

Trata-se, ainda, da opereta "Berenice", da qual a referida escriptora se arvorou, tambem, a defensora, o que é de lastimar, pois, segundo parece, só ás mulheres foi dado esconderem nas dobras das suas saias litterarias ou não, os defeitos dessa tão fallada creaturinha.

Primeito foi d. Angeline Ladevese (que aliás voltou á carga no seu inoffensivo artigo "Preguiça Auditiva") e agora, por ultimo, d. Sylvia Moncorvo.

Desta é que não se contava com a investida indelicada e ôca, verdadeiro amontoado de phrases e conceitos sem nenhum valor tecnico e em desaccôrdo com os foros de educação de uma senhora letrada, como ella o é.

Mas há um ditado que diz: "mata de onde não espera é que sae coelho". E ás vezes não sae coelho somente: sae até "corvo"...

— Diga-me uma cousa: o Waldemar de Oliveira não é litterato, tambem? Porque não fez elle o libretto da "Berenice"?

— Porque o Nelson Paixão não quiz fazer a musica...

— Affirmaram-me que a "Berenice" vai ser levada no "Parque", no proximo dia 16, com os preços reduzidos para 15\$000 a cadeira. Será exacto?

— E' exacto. E depois será levada no "Cinema Ideal" a 1\$100...

No "Theatro Santa Izabel", terá logar hoje, se não me engano, a festa que os bachareis da "Faculdade de Commercio de Pernambuco" pretendem levar a effeito para solemnisar a sua recente formatura.

Será, pois, uma noite esplendida a de hoje no velho centro de diversões da praça da Republica, constando que como especial attraçção, o talentoso e novel bacharel Antonio Maranhão, orador da turma, fará um discurso depois de cada numero de musica, demonstrando, des'arte, os seus extraordinarios dotes oratorios.

O Maranhão estreou como fallador (não da vida alheia) numa excursão desportiva a Garanhuns, e de lá para cá a sua fama vem fazendo a "volta ao mundo"...

E' de crer, portanto, que o Recife em peso vá hoje ao "Santa Izabel" ouvir... a musica.

"A Crystal", não se tenha duvida, é uma casa de chá que honra de certo modo a nossa capital, e é um dever de todos os que se prezam de elegantes fazerem-n'a manter-se no seu posto.

Para isto é necessario que o publico a frequente, é logico.

Agora, o que é necessario, tambem, é que a firma proprietaria ou exploradora da "Crystal", ~~cuja~~ melhor da sua freguezia, melhorando o seu infame, infamerrimo, serviço de "garçons", uma das causas principaes, talvez, do abandono a que a mesma se vê votada.

Ainda no ultimo sabbado fomos testemunhas da ineptia e da grosseria dos que fazem o serviço de copa daquella casa.

Verdadeiros caixeiros de botequim transformados, num abrir e fechar de olhos, em "garçons" de casa elegante, chegam a responder mal aos que reclamam a sua incompetencia e inactividade.

A continuar assim, é melhor a "Crystal" fechar de uma vez por todas.

ESSA HISTORIA QUE EU NÃO ESQUECI

Para a emotividade de Constantino Caldas.

*Eu quiz fazer de ti a minha idolatria,
Meu ritual de amor, a minha exaltação...
E com todo o esplendor que vem da phantasia,
Enganado elevei-te á Gloria e á Perfeição.*

*Dei-te tudo o que tinha: o orgulho, a mocidade,
A nobreza do amor que vem do Sentimento.
E sem prevêr que fosses filha da Maldade
Ornei-me de ventura e de deslumbramento.*

*De tudo o que hei gosado em minha juventude
— Excelsa flôr que brota uma só vez na vida —
Foste tu meu delirio, a minha plenitude,
Onde julguei cantar minh'alma commovida...*

*Seduzida, por fim, pelo esplendor do fausto,
Pois já não te bastava a minha phantasia,
Deixaste-me a sangrar neste infindo holocausto,
N'esta dôr, n'este spleen, n'esta eterna agonia.*

*Foi assim que findou essa historia encantada,
Esse sonho de amor, tão bello e tão mendaz,
Que deu á minha vida a esplendida alvorada
Da divina illusão da idade de um rapaz!...*

ANTEOGENES CORDEIRO.



RECORDAÇÃO

Entre os esplendores do Natal que surge entre as alegrias esplêndidas da alma humana que canta hosannas ao feto adorável do nascimento augusto ante a belleza poetica deste despontar de paz e de amor doce signal de fraternidade entre os homens, entre a grandeza dessa simplicidade heroica que difica os mais sublimes e ineffaveis sentimentos no coração humano cresceu no intimo de minh'alma, na pureza dos meus sonhos primaveris aquelle doce amor que me embalou a infancia, e depois como a derradeira nota de finado cerrou este capitulo heroico de minha mocidade em flor!

E hoje, quando vem Natal, doce episodio de um nascimento que surge, minh'alma recorda.

transida de dor e de saudade, o poema feliz da minha mocidade que morreu cantando a primeira pagina de um amor ardente!

Natal! doce signal de paz e de amor entre os homens, para mim foste a pagina mais dolorosa da minha vida!

Natal! doce signal de paz e de amor; para mim, surgiu entre a dor profunda da saudade, que mata e a dor pungente de um coração que se despedaça!

Por isto, Natal: se trazes mi muito a doce alegria de um contentamento que desperta, para mim continuas a ser a pagina dolorosa de minha vida — um triste poema de um coração que morreu cantando!

12—925.

FRANCISCA PEREIRA

Da
 volu-
 bili-
 dade
 das
 mulhe-
 res

ANNIBAL PORTELLA

A Esdras Farias.

*Ave tosta de amor e ansiosa de carinho,
 azas abri ao sonho... E' tao boa a ascensao...
 Não previ que a descida era cheia de espinho
 e abandonei-me, louco, á voz do coração...*

*No delirio de amar não me veio á memoria
 estas palavras cruéis que Platão proferiu:
 " — A mulhe• não tem alma" — E d'ahi minha historia,
 que é a historia de amor mais triste que se viu...*

*Alma propensa ao sonho, eu pensava, na vida
 que neste mundo atroz, o anfor fosse real!
 E a minha ansia passou, não foi comprehendida,
 não foi e nem será, para meu grande mal!*

*Desgraçado Romeu, as Julietas de agora
 não têm o romantismo excelso e seductor,
 a graça, a timidez, o encanto das de outr'ora,
 que viviam do amor e para o seu amôr!*

*Não conversam ao luar... Fogem das noites claras...
 Nem escada de seda e nem o varandim...
 Da colovia a voz, não escutam... São raras
 as que pensam que o amor devia ser assim...*

*Dolorosa verdade! A experiencia ensina
 que a mulher não tem alma e nem senso siquer...
 Mas mesmo assim, que importa? Acho que ella é divina,
 pois na mulher pro•uro apenas a mulher!*

*O destino, porém, na sua bizarrice,
 pelos olhos azues de quem, na vida, amei,
 perfidamente fez que a su'alma eu pedisse,
 mas n'ella, em meu pezar, somente o vacuo achei...*

*Resigno-me, no entanto... O fado é pequenino...
 O amor — um fogo-fatuo — uma illusao fugaz...
 Uma esfinge — a mulher... Um mysterio — o destino...
 O mundo — o proprio inferno... A vida — os proprios ais!*

*E' da vida, soffrer... E de soffrer, portanto,
 acostumei-me cedo á desventura e á dôr:
 Feliz ou infeliz, sou sempre o mesmo, canto,
 bendizendo a mulher que me fez sonhador!*

*Ave tosta de amor e de felicidade,
 azas abri ao sonho... Entretanto, ai de mim!
 Mentiu-me o coração... Mentira ou ingenuidade,
 soffro desde que amei... Tinha de ser assim!*

Canção a Bôa - Viagem

Tendo esta revista publicado, no numero anterior, a musica da "Canção a Bôa Viagem", da autoria do principe dos compositores pernambucos, maestro Nelson Ferreira, recebemos diversos pedidos para reeditarmos a musica, acompanhada da bellissima letra que Eugenio Almeida escreveu para essa canção.

E' o que fazemos nesta e na duas paginas seguintes.

Bôa-Viagem formosa!

Praia de minha paixão!

E's para mim uma rosa

Que me prende o coração.

Surgindo do coqueiral,

A' beira mar debruçada...

E's, linda praia, o fanal

De toda alma apaixonada!

Oh! meu querido recanto!

Oh! minha praia adorada!

Por toda parte acho encanto

E em cada canto alvorada!

Tens da attracção, o segredo,

E do segredo, o condão,

Mesmo até como degado

Te quer o meu coração...

Ao vêr-te pela manhã

Banhada em flócos de luz

Minh'alma sempre louca

Sente que tudo seduz.

Oh! meu querido recanto!

Oh! etc... etc...

Nas despedidas do sol,

A's horas tristes da tarde,

Lembra oh! praia de escol!

As seismas de Leopardi!

E a noite, quando ao luar

São tuas aguas de prata,

Eu tenho aneias de cantar

A cidade que me mata!

Oh! meu querido recanto!

etc... etc...

E's por tudo a predlecta!

E's princeza do Nordeste!

E por graça tão dilecta

Teu escravo me fizeste.

Bôa-Viagem faceira

Quando a lua brilha alem

Ouve esta canção fagueira

De quem te quer muito bem.

Oh! meu querido recanto!

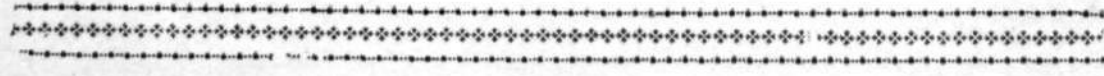
etc... etc...

Eugenio Almeida.

RUA NOVA



Amor a Boa - Noite
Missa de ~~Alfonso~~ *Alfonso* ~~Alfonso~~ *Alfonso* Missa de *Alfonso*





Doutor medico **SILVIO MOURA**

Molestias Nervosas e mentaes
Doenças de nutrição e do aparelho digestivo

CONSULTORIO
Rua da Imperatriz n. 14

Residencia : P. Izabel nº. 166
Telephone, 1052

No dominio das letras



O apreciado poeta Annibal Portella, um dos maiores amigos desta revista, á qual empresta o concurso brilhante do seu espirito jovem e bem formado.



De Stecchetti

Quando cadràn le foglie e tu verrai
A cercar la mia croce in camposanto,
In un cantuccio la ritroverai
E molti fior le saran nati accanto.

Cògli allora pe' tuoi biondi capelli
I fiori nati dal mio cor. Son quelli
I canti che pensai ma che non scrissi.
Le parole d'amor che non ti dissi.

• (Tradução do eminente critico e intelectual, Oseorio Duque Estrada).

Quando, ao cahir das folhas, em procura
De minha cova, ao cemiterio fôres,
Has de encontral-a solitaria e obscura,
Toda coberta de olorosas flores...

Arranca as do meu peito e em teus cabellos
Põe-n'as! São essas (ouve-as com me' guice)
Os poemas que te fiz sem escrevel-os,
As palavras de amor que não te disse.



Pontas

de

cigar-

ros

ESDRAS - LADIAS



*Pede esmolos, de joelhos,
um pobre velho, um cego triste e encanecido.
E como não lhe dão esmolos, os seus olhos,
vermelhos
e profundos,
choram o pranto indifferente da amargura
de todo pobre que se vê envehecido
andando ao Deus-dará da sorte, nos escolhos
da vida a aventurar vintens, nos baixos-fundos
de uma cidade onde eu sei que ha tanta ventural*

*De joelhos, como está, originalisado
em um fakir extatico, a pedir esmolos,
vae apanhando, em derredor, quando se cala,
algumas pontas de cigarros.
E eu me fico a scismar neste pobre ao meu lado.
Fere-me o pranto, olhando-o; embarga-se-me a fala.
Em torno delle ajejam as creanças das escolas
olhando o pranto a fluir de seus olhos bizarros.*

*Se este velhinho fosse rico, as boas creanças,
que andam, em torno delle, a rir, indifferentes,
certo ouviriam as historias, as lembranças
de quando elle era um outro, e não mendigo e pobre;
historias que os vovós têm para os seus parentes,
mesmo quando a velhice os seus cabellos cobre
de uma grinalda de saudades niveas, de annos,
e as rugas marcam, pelo rosio mascilento,
a cicatrização suave, dos desenganos,
na velhice feliz fóra do pensamento.*

*Entre os mendigos — meus amigos na cidade,
os de instrumentos remendados com sabão,
e que andam a miar, rua em fóra, de dia
o doloroso Canto-chão
que faz coarar vintens no fundo das sacolas,
o velho collector de pontas, na verdade,
é o mais sentimental dos que andam ás esmolos
nesta Recife de miseria e de poesia!*

*Toma lá um cigarro, ó bom velho! Eu não tenho
agora, aqui, senão o dia e a noite, que
me fazem me lembrar quando eu quiz ser feliz.*

*Meus fracos mais rios migalhas de cigarros
com os seus cantos
de boccas tuberculosas
e de pulmões senis.*

*Tu nem sabes, bom velho, o doloroso empenho
com que o bacillo vê
os teus olhos bizarros,
os teus olhos vermelhos,
quando te curvas, de joelhos,
a apanhar pontas, a pedir, a mendigar
esmolos de vintens aos que te possam dar!*

*Esta historia do pobre encanecido
é bastante vulgar;
mas, é a historia de um velho divertido
que pede esmolos, de joelhos, a chorar...*

FLORES DE NEBLINA

*Namoradas do tumulo — velhinhas
Que de tão tristes vos tornaes tão bellas,
Florescendo de scisma nas janellas,
A vêr cruzar, ao Sol, as andorinhas.*

*Frontes tocadas de agonias suaves,
Que volatizaes dos olhos bentos,
Unguindo no ar as pequeninas aves,
Reminiscencias e presentimentos...*

*Quem vos vê pervagar por esta rua,
Commovendo a poesia dos caminhos,
Julga vêr, entre o Sol e os passarinhos,
Apparições somnambulas da Lua.*

*Mas quando, como agora, estaes tão quietas,
Perfumando de paz a soledade,
Já vos sumindo para o olhar dos poetas,
Fluidificadas pela ancianidade,*

*Dão de sentir vossas feições singelas
Sêrdes vós umas flôres de neblina
Que o contacto da graça matutina
Imponderalizou pelas janellas...*

(De Luiz Carlos, o maravilhoso artista de "Columns",
é a delicada e suavissima poesia acima.

Encontramola em "Astros e Abysmos", seu ultimo livro,
e por ella pode-se dizer que o seu, auctor é um dos maiores
poetas do Brasil de todos os tempos.)

RECORDAÇÃO

Do meu passado, tão distante agora,
Relembro as Evas todas que adorei;
Elvira, Julia, Doralice, Aurora...
Ai, fôra in tantas que nem sei!

Estas, de faces foseas, tez de lyrio,
Aquellas, pelo rubro sol queimadas,
E todas ellas, — palmas de martyrio —
No meu amor divinisadas.

Como um bando de garças innocentes,
Vindas de muito longe e outras de perto,
Trouxeram nos biquinhos as sementes
De extranhas fiôres do deserto.

Querendo vel-as, cedo, germinar,
Plantaram-n'as em sulcos pelo chão;
Mas não tiveram calma de esperar
E o seu labor foi todo vão.

Eram de Lotus — flôr do esquecimento—
As sementes fataes que ellas plantaram;
Por isso, todas, para meu tormento,
As azas brancas, para alem, soltaram...

Nunca mais as vi; apenas uma,
A mais bella das garças, sem alarde,
Ficou commigo, como o luar na bruma
De um céu de inverno, mas já era tarde.

O outono desfolhara as minhas rosas
E eu não tinha perfumes a lhe dar!
Ai, que lembranças tristes, dolorosas,
—Lenço molhado em pranto, a me acenar—

Juventude illusoria, grato encanto
Dos meus vinte annos, quão distante vaes!
Adeus! O Corvo de Edgard, num canto,
Disse á m'nh'alma: NUNCA MAIS.

De bom humor

Um Policial Belga

Os meus leitores conhecem o Simplicio Baptista?

Como é provável que não, seja-me permitido apresental-o. Meu companheiro de Lyceu, o Simplicio destacava-se entre todos pelo seu genio galhofeiro e alegre, e pela ausencia completa de vergonha. Para Simplicio o vil metal era assumpto de secundaria importancia e tanto o espirito era prazenteiro e trocista ao possuir alguns mil reis, como quando necessitava inventar algum expediente para d'elles se prover. Apesar de tudo Simplicio era o idolo dos seus discipulos.

De uma vez subiamos o Chiado, a arteria lisboeta onde se exhibem os ultimos modelos de "chez Paquin" e onde os janotas se aprumam na esperanca de um olhar que os incite á aventura, quando, subitamente, se recorda de que era o dia de anniversario de sua irmã e que necessitava comprar-lhe uma pequena lembranca. Todo o nosso dinheiro, estudantes como eramos, se cifrava em quatro vintens e meio. Mas isso não o desanimou. Delibera rapidamente comprar uns bolos e enfiamos pela porta da Bénard, que no n'essa hora mundana e louca do flirt: the five o momento regorgitava do escol da sociedade, clocktea.

Empertigado e solemne dirige-se a um dos caixeiros e apontando uns pasteis indaga o preço.

— Meio tostão cada um — informa sollicito o empregado.

— Perfeitamente, embrulhe-me duas dúzias.

Devo declarar que o rapaz, ao ouvir a sua fria pasmante pergunta, ficou a olhar para o meu amigo.

Faltava somente amarrar o pacote quando Simplicio suspende a actividade do caixeiro e designando outros doces, diz:

— Olhe aqui, qual é o preço d'estes?

— O mesmo preço, senhor!

— N'esse caso o meu amigo vai perdoar-me o incommodo que lhe dei, mas eu prefiro duas dúzias d'estes em vez dos outros.

Com um sorriso affavel e cortês o rapaz aparta o primeiro embrulho e n'um momento prepara o segundo, que apresenta.

Chegara o momento critico. Eu sentia as pernas calibradas.

Enfiando a azelha do barbante no dedo mínimo, Simplicio prepara-se para a "derrapage" dizendo civilmente:

— Muito obrigado, até á vista!

— Más... murmura o empregado com um sorriso anemico — o senhor esqueceu-se de pagar os pasteis!...

— Como — brada o meu amigo — então estes pasteis não são do mesmo preço dos primeiros?!

— Evidentemente, mas o cavalheiro não ficou com os primeiros...

— Parece que o amigo não regula bem — exclama indignado, — como queria que pagasse os outros se os não levou?!

E enquanto o caixeiro fica cogitando n'aquelle logico de ferro, o meu camarada affasta-se remoendo pragas como se sentisse ainda nos ouvidos o silvo da injuria.

Alguns annos se escoceram; a nossa amizade fora syncopada pela sua ida para Coimbra para matricular-se na Universidade, donde seria expulso dois annos mais tarde.

Uma manhã subindo a Avenida da Liberdade, esbarro com alguem que me grita:

— Ahm, Colysio, meu velho!...

— Simplicio, meu vagabundo!...

Trocamos impressões, e noto que elle não está só.

Arrasta consigo um cachorro esqualido, cuja anatomia poderia ser estudada ao vivo, cheio de sarna, olhos pustulentos, imagem real do Job

de Simplicio Baptista.

— Que cachorro asqueroso é esse n'uma visagem de nojo.

— A minha salvacao, filho, e minha salvacao...

Então confidenciou, riscado da Universidade por ter empenhado ao becas de oito lentes por dezaseis mil reis — imagina tu que panno ordinario — dedicara-se ao commercio e collocara-se no escriptorio de Gaspar Annunçiação.

Na vespera Gaspar entregara-lhe duzentos mil reis para adquirir um soberbo exemplar ca-

alho, um policial belga dos mais amestrados e de faro subtilissimo.

— Tu comprehendes, meu velho, duzentos mil réis, e eu que andava com uma fé doida na Carmen, uma hespanhola do casino de Algés. Tu conheces? Não?... Pois é um mulharão, fahinho, um verdadeiro peixeão. Que salero, que vida, que olhos, que seios, que... que tudo, meu amigo, que tudo. Com aquelle cobre dirigi-me para casa da minha diva, atirei-me aos pés, porém, o seu amor só se tornou capcioso quando lhe passei os dois "lengões" de cem. Ah! sim, abraçada ao meu pescoço mordiscou-me a orelha, jurou por "Dios" que me amava havia mais de seis mezes, que seria minha eternamente e... que apothese, que apothese...

Callou-se envolvido em lubricas recordações.

— Mas... e este cachorro — disse chamando-o a realidade ao ver o podengo lambendo me lancolicamente uma das numerosas feridas.

— Ah, este animalejo encontrei-o á porta da Carmen. E' a salvação... olha vem comigo. Tu verás.

Cambiamos os dois, o cão arrastava-se Gaspar Annunciação, impaciente, aguardava o seu empregado.

Simplicio, a face jubilosamente humilhada apresenta-lhe o cachorro:

— Prompto, Sr. Gaspar, eis o portentoso!

— Como?... urra apopletico o commerciante — o senhor quer arrulhar-me? Então isto é que é o policial belga que lhe mandei comprar.

— Silencio, — sibilla imperiosamente Simplicio olhando desconfiado o cachorro.

E approximando-se murmura-lhe importante:

— O senhor não está vendo que elle vem disfarçado?... Ainda na pista de um crime! Esta em investigações!...

E' a ultima que conheço do Simplicio Baptista.

2 — 926

ARM. COLYSIO

A SYMPATHA

O caracteristico proeminente de
distinção, consiste em uma
visita a esta casa

Fazendas, Modas, Miudezas
e Terrenarias

"Unica que conquistou a SYMPATHA
da Elite Recifense".

Rua do Livramento, 80

PHONE 634



A origem da

melindrosa

Ao ouvido do Criador do Mundo chegava constantemente a queixa da mulher, que, descontente, se lamentava do seu destino na terra. O Todo Poderoso, então, resolveu mandar vir à sua presença uma representante do sexo frágil de cada nacionalidade, para que expuzesse a sua queixa. S. Miguel foi incumbido de pôr em execução a ordem do Divino Mestre. E em poucos dias chegavam ao Paraíso as representantes da mulher de todos os países do mundo. As primeiras a serem attendidas foram: a mulher franceza, a ingleza, a allemã, a hespanhola, a italiana, a americana, e a brasileira. As sete mulheres apresentam-se ao Juiz Supremo, que, chamando a franceza, perguntou:

— Donde vens?

— Da França.

— Que fazes?

— Alegro a humanidade! Sou adorada pelo mundo inteiro. Em cada homem possuo um escravo; e em cada mulher, uma admiradora. Debalde procuram imitar-me; eu sou unica para o prazer, para as tristezas, e gozo a vida sem me preocupar com a morte. Sou graciosa, tenho **charme**, sei seduzir e amar sem tragedia, sem soffrimento e sem lamurias.

— E qual é a tua queixa?

— A unica cousa que nos falta é maior abundancia de fitas, sedas, rendas, plumas, **algrêtes**, carmins, joias e **cabarets**.

O Senhor ordenou a S. Zacharias que voltasse a pagina do enorme livro, onde o santo tomaria nota do que dissessem as queixosas, e chamou a ingleza.

— Donde vens?

— Da Inglaterra.

— Que fazes?

— Vivo socegada. Não me dá respeito, que me não diz respeito, faço **sport**, almento-me com methodo, e não faço nada na vida que me não aproveite.

— E qual é a tua queixa?

— O que eu desejava era não ter nenhum coração. O coração é um órgão aborrecido, que bate muito quando a gente joga **tennis** ou dança... o que é muito massante; a não ser isso, tudo mais está bom lá pela terra.

O Senhor mandou que se approximasse a allemã.

— Donde vens?

— Da Alemanha.

— Que fazes?

— Trabalho, planto, colho, fabrico, como e **hebo**.

— Qual é a tua queixa?

— A pouca fartura que existe depois da guerra. Eu queria uma pyramide colossal de **choucroute** e muitos **zappellins** cheios de cerveja.

O senhor chamou a italiana; e ao perguntar-lhe o que fazia ella respondeu:

— Extasio o mundo com a minha arte!

— Qual a tua queixa?

— E' possuir unicamente uma garganta para cantar e comer... talharim.

O Senhor chamou a hespanhola.

— Donde vens?

— Venho de Espanha, caramba! Entonves no lo sabe usted?

— Que fazes?

— Toco castanhetas e tengo salero...

— Qual é a tua queixa?

— Nos faltam muchos caballos, muchos toros y muchos toreros, Senhor!

Passemos á americana, Zacharias — disse o Senhor.

A americana approximou-se rithmando um **rag-time**.

— Donde vens?

— Da America do Norte.

— Que fazes?

— Danço, rio, brinco, faço **sport**, viajo diverto-me e faço **films** cinematographicos.

— E qual é a tua queixa?

— Não gosto de partidos para a gente de cor.

A brasileira approximou-se vexada da sua inferioridade entre a civilização brilhante das europeas e da norte-americana.

O Criador, porém, a encorajou.

— Donde vens?

— Do Brasil.

— Que fazes?

— Amo.

bom grado ás innocentes caracterisações, o que lhes valla succulentas celas e abundantes copos de cerveja.

— Meu querido Zola: ha de permittir que eu lhe apresente um dos meus melhores amigos, o capitão Flambeur.

— Celebro o conhecimento.

Depois de um instante:

— Ah! vem Bourget. O capitão Flambeur

— Tenho a honra de cumprimental-o.

Emílio Zola, segundo julgo recordar, era representado por meu amigo Jorge Moynet, que se parecia vagamente com o autor de *Greminal*.

Quanto a Bourget, sua pallida physionomia era representado por um pintor holandez, cuja nome não me occorre. Nunca o via sereno em dois ou tres annos que permaneceu em Paris. E assim successivamente.

O peor é que o capitão Flambeur, terrivel, physionomista, me punha, ás vezes, nos maiores apuros

— Olha, olha, si entrar Pasteur... Venha senhor Pasteur! venha tomar um *vermouth* conosco.

Pasteur acceltava, sem se fazer de rogado.

Perdoae-me, Zola! Perdoae-me, Bourget! Perdoae-me, Pasteur! E perdoae-me todos vós, litteratos, poetas, pintores, sabios membros do Instituto!

Um dia, ao amanhecer...

Não sei si era que tinhamos madrugado, ou que ainda não nos tinhamos deitado. Cruel enigma!

Um dia, ao amanhecer, passeiavamos pela praça Chichy, onde se erguia a estatua de Moncey.

O pedestal dessa estatua tem a circular-o um banco de granito sobre a qual os vagabundos dormem a somno solto.

Um desses, o que possuia o trajo mais recommendado e cujo aspecto causava maior compaixão, roncava.

O chapéo lhe havia cahido indo roiar a grande distancia

Um chapéo que fóra da moda, mas que estava coberto de pó e de graxa, e no qual não se podia tocar sem se manchar.

No fundo do chapéo, brilhavam duas iniciaes: A. D.

— Olhe, capitão Flambeur, repare nesse homem que ronca ah!

— Quem é?

— Não se assombre... E' Affonso Daudet!

— Elle... o autor de *Tartarin de Tarascon*?

— Elle mesmo!

— Ah! Sim, é verdade! O chapéo tem suas iniciaes. Pobre homem, tão derrotado! Mas, diga-me: Daudet não ganha muito dinheiro?

— Ganha, sim; mas, desgraçadamente, é um homem que se embruga.

— E' muito triste vêr um homem de tanto merito entregue á bebida!

— Sim, sim, é muito triste. Mas, para mim, um homem que bebe é um temperamento.

— Diga-me: quer que o despertemos e o convidemos a almoçar?

— Oh! não! Daudet é desgraçado, mas muito orgulhoso.

Então, muito discretamente, o bom Flambeur tirou de seu *porte-monnaie* cinco moedas de cinco centimos e feliz deslizar no bolso do famoso autor de *Sapho*...

Fôra isso o que me fizera recordar o capitão Flambeur com a sua pergunta, do outro dia:

—E' Daudet?

M. C.

EUTROPIA QUEIROZ

PARTEIRA

Com longa pratica do Hospital Pedro II e clinica de medicos especialistas, offerece seus servicos profissionaes e

como ajudante de tratamentos gynecologicos

— a quem delles precisar. —

RUA IMPERIAL 165

— CHAMADOS a qualquer hora —

São José

RECIFE

Uma Pilheria Parisiense

POR ALPHONSE ALLAIS

— E Daudet? — perguntou-me o capitão Flambeur.

— Daudet? — respondi, 'surprehendido que Daudet?

Quem tha de ser? Daudet, o autor, Alphonse Daudet.

— Mas, a proposito de que me fala de Daudet?

— Para saber si elle já está menos derrotado.

— Derrotado? Daudet?

Subitamente, porém, me veio a recordação. E proseguí:

— Sim, homem, sim Daudet já anda melhor de roupa e de interesses.

— Quanto me alegre por isso! Quanto me a'egro! Pobre escriptor.

Para maior clareza desta narrativa é preciso — como diria Ohnet — voltar a vista para o passado, para alguns annos atraz.

O tio Flambeur, conterraneo meu, antigo

capitão, o melhor homem do mundo, divertido e esprituoso, desembarcou um dia em Paris, para ver a exposição de 1889.

A data da viagem torna inutil dizer o seu objectivo.

Quando sacudiu o pó do caminho foi ver-me no café do Chat Noir, onde eu tinha o meu grupo, e, ao abraçar-me, instituiu-me seu cicerone.

Acceltei a commissão com regosijo, porque o capitão Flambeur era um alegre perdulario, que saberia gastar com os amigos o dinheiro que trazia da provincia.

O velho e sympathico lobo marinho tinha uma estranha mania: queria conhecer os grandes homens, as celebridades. Proporcionel-lhe, assim, quantas amizades desejou.

No rigor da verdade, os grandes homens que eu lhe apresentava não era completamente authenticos. Mas, os camaradas se prestavam de

FABRICA ZENITH

Durães Cardoso & Cia.

Importadores de farinha de trigo e estivas

Exportadores de assucar, cereaes e café

FABRICA DE FOLHA DE PAPEL ESCRITORIO

34—Rua Joao do Rego, 114 e 116, esquina com a Rua do Carmo

TelephOne 147 — Telephone 334

Telegramma: **ZENITH**

Codigos: **RIBEIRO e BORGES**

— Só?

— Sou boa, Senhor.

— Qual é a tua queixa?

— Não ser amada pelo homem que adoro.

— Fecha o livro, Zacharias! Por hoje o serviço está terminado. Amanhã continuaremos.

No dia seguinte, depois de haverem sido attendidas outras sete mulheres de outras nações. Nosso Senhor chamou a brasileira e perguntou-lhe:

— Ouviste o que disseram hontem a ingleza, a franceza, a italiana, a hespanho'a, a allemã e a americana?

— Ouvi, Senhor!

— Pois bem! Tu, para alcançares na terra

aquillo que desejas, deverás tirar de cada uma dellas um bocado, e então com a tua extrema bondade e o teu grande amor, ficarás perfeita e lograrás teu fim.

A brasileira, debulhada em lagrimas, beijou os pés do Senhor, e antes de voltar ao Brasil, foi em cada um daquelles paizes buscar o que lhe faltava; e como esquecesse de perguntar ao Creador a dóse certa que devia tomar, exaggerou, adquirindo em excesso as doses dos productos estrangeiros recommendados em pequena porção, e que em quantidade se tornam os destruidores do maior thesouro que pôde possuir um coração de mulher — a bondade e o amor.

El assim... surgiu a "Melindrosa".

Mime. X.



Seixas, Santos & C.

Droguistas e Pharmaceuticos industriaes

Rua Mareillo Dias, 119—largo da Penha, 30 a 145

Enq. teleg. CHIMICOS

PERNAMBUCO

Fabricantes de Cajurubeba
Grande Depurativo do Sangue

GAZ - CALOR - HYGIENE

FISCALISE SUA COSINHA, USE GAZ

E REDUZA SUA CONTA DE COM-

BUSTIVEL PARA 50\$000 POR MEZ



Consumo de gaz para almoço, "five o' clock tea" e jantar por familia de 3 adultos e 3 creanças — 120 metros cubicos	
Abatimento de 30 %	36 metros cubicos
Consumo liquido	84 metros cubicos

84 METROS CUBICOS A \$600 POR METRO 50\$400
POR MEZ

Fogões á venda e para aluguel na LOJA DO GAZ, á rua da Aurora, Esquina da rua Princesa Isabel.



Aquecedores de agua a gaz fornecem banhos mornos para epocha invernosá

UM CONFORTAVEL BANHO MORNO POR \$080

Pensae na commodidade destes aparelhos, sempre promptos a fornecer calor e agua quente e sem perda de tempo. DAE A VIDA A SUAS COSTAS. MODERNOS CONFORTOS. A felicidade do lar!



Installação, manutenção e demonstrações gratuitas

IDE A LOJA DO GAZ E EFFECTUAE VOSSO
CONTRACTO

Fabrica Favorita

PRAÇA DO MERCADO N.º 123 a 131 — Teleph. 2552

End. Teleg. "FAVORITA"

Cod. usados "Ribeiro" e Particulares

RECIFE

PERNAMBUCO

Premiada na Exposição Geral de Pernambuco com medalha e premio de merito.

Fabrico fino de "bombons e caramelos" e especialidades em "recheados de fructas".

J. Fragoso de Medeiros

GARÇA

**é a manteiga que
continua sendo a prefe-
rida por quem
preza a sua saude**

Encontra-se em todas as mer-
cearias de 1.ª ordem

Joalheria Krause

CASA FUNDADA EM 1879

Telegrammas

Krauseco

KRAUSE & Comp



Caixa postal 37

Telephone 424

RECIFE

Jóias • Brillhantes • Perolas • Artigos para
presentes • Prataria • Electroplate
Objectos de arte • Relogios
de Ouro Prata e Nickel

Rua 1.º de Março, 34 — Esquina rua 15 de Novembro

Filiaes; Pará — Maranhão — Rio de Janeiro, Ouvidor 152

Terrenos em Boa Viagem

Vende-se 20 lotes de terrenos
com 40 metros de largura
e 30 de fundo

A tratar no escriptorio de

Wallace Ingham

Rua do Bom Jesus, 244 — 2. andar

GAZ - CALOR - HYGIENE

FISCALISE SUA COSINHA, USE GAZ

E REDUZA SUA CONTA DE COM-

BUSTIVEL PARA 50\$000 POR MEZ



Consumo de gaz para almoço, "five o' clock tea" e jantar por familia de 3 adultos e 3 creanças — 120 metros cubicos	
Abatimento de 30 %	36 metros cubicos
Consumo liquido	84 metros cubicos

84 METROS CUBICOS A \$600 POR METRO 50\$400
POR MEZ

Fogões à venda e para aluguel na LOJA DO GAZ, à rua da Aurora, Esquina da rua Princeza Isabel.



Aquecedores de agua a gaz fornecem banhos mornos para epocha invernosa

UM CONFORTAVEL BANHO MORNO POR \$080

Pensae na commodidade destes aparelhos, sempre promptos a fornecer servico higienico e agradável e sem perda de tempo DAE A VOSSA CASA ESTES MODERNOS CONFORTOS, indispensaveis á completa felicidade do lar!



Installação, manutenção e demonstrações gratuitas



IDE A LOJA DO GAZ E EFFECTUAE VOSSO
CONTRACTO